

Ainda à espera dos homens do amanhã



Nobu Chinen¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Nos últimos anos, a bibliografia sobre histórias em quadrinhos publicada no Brasil vem crescendo significativamente, principalmente se comparada com o ritmo de lançamento de dez ou quinze anos atrás. Antes restritas à Comunicação ou à Linguística, as pesquisas sobre quadrinhos têm ganho terreno em outras áreas do conhecimento como a Psicologia e a História que podem trazer grandes contribuições para a compreensão dos quadrinhos ao tratar do tema com novos olhares e sob outras perspectivas metodológicas. Um ótimo exemplo é o livro *Os novos homens do amanhã* (2018), de Ivan Lima Gomes, doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, que se aprofunda na análise do contexto político e social de duas iniciativas de nacionalização de quadrinhos que ocorreram no Brasil e no Chile, respectivamente, na década de 1960 e 1970: a CETPA – Cooperativa Editora e de Trabalho de Porto Alegre, e a Editoria Nacional Quimantú.

Ao apresentar em minúcias a produção e os bastidores da CETPA, a excelente pesquisa de Ivan Lima Gomes - cuja versão em monografia recebeu o prêmio HQMIX, na categoria Melhor Tese de Doutorado, de 2015 -, traz mais luz a esse episódio que, do contrário, continuaria sendo lembrado apenas como um ato de resistência, uma mera passagem folclórica. O livro, além de esclarecer apropriadamente sobre aquela experiência gaúcha, permite também conhecer um pouco mais sobre a indústria de quadrinhos, e da imprensa chilena de modo geral, durante os breves anos sob o regime socialista, no começo dos anos 1970.

Com exceção da Argentina, cujas histórias em quadrinhos mereceram um estudo bastante abrangente de Paulo

Ramos, no livro *Bienvenido* (2010), aqui no Brasil sabemos bem pouco sobre a produção quadrinística da América do Sul. Quase nada sobre outros vizinhos, como Paraguai, Uruguai ou Colômbia. Do Chile, com o qual não fazemos fronteira, o personagem mais conhecido é Condorito, do cartunista Pepo, que chegou a ter distribuição internacional. Curiosamente, a maior referência sobre quadrinhos vinda do Chile que tínhamos até então era o livro *Para Ler o Pato Donald* (1978), de Armand Mattelart e Ariel Dorfman, cuja primeira edição brasileira foi publicada em 1975, editado como crítica ao capitalismo e ao imperialismo, mais especificamente, o praticado por governos e corporações norte-americanos. Durante anos, essa obra, cujos autores assumidamente editaram e deturpam os exemplos escolhidos para defender os seus propósitos, foi utilizado para acusar os quadrinhos da Disney, muito populares no Chile. O livro, inclusive, foi publicado dentro do mesmo projeto de doutrinação socialista que definiu a linha editorial da Quimantú.

É necessário lembrar que a fase escolhida por Ivan Gomes retrata justamente um momento histórico bastante crítico no continente sul-americano, marcado por golpes militares que derrubaram governos legitimamente eleitos e implantaram regimes ditatoriais alinhados com o conservadorismo dos Estados Unidos, que adotaram como prática as perseguições a seus opositores e a censura aos meios de comunicação. Os golpes militares, aliás, foram determinantes para inviabilizar e encerrar as atividades tanto da CETPA quanto da Quimantú.

Apenas a título de comparação, o desaparecimento, durante o regime militar na Argentina, de Hector Oesterheld, o

1. Doutor em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Membro do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP. Organizador das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. Email: nobuchinen@uol.com.br.



GOMES, Ivan Lima. *Os novos homens do amanhã: projetos e disputa em torno dos quadrinhos na América Latina*. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

mais consagrado roteirista de quadrinhos do país, é um episódio bem conhecido e comentado em vários livros; menos divulgado, porém, é o caso de Luis Jiménez, cartunista chileno que atuou na Quimantú e cujo desaparecimento é relatado por Jorge Montealegre, no livro *Apariciones y desapariciones de Luis Jiménez* (2011).

De modo geral, a CETPA é mencionada de forma muito breve em alguns livros sobre os quadrinhos brasileiros. Costuma-se citar personagens e autores, mas há poucas referências às articulações nos bastidores e nenhuma informação sobre como a cooperativa funcionava na prática. Uma exceção é o livro *Guerra dos gibis* (2004), de Gonçalo Júnior, diversas vezes citado por Gomes, que apresenta um panorama abrangente, mas não entra em detalhes. Nesse sentido, o livro que aborda esse episódio com mais propriedade é o *Apressado para nada* (2001), de José Geraldo Barreto, um relato autobiográfico de um dos mais atuantes protagonistas da CETPA, autor que também serviu de fonte para Gomes, que o entrevistou para esse trabalho. Barreto, porém, oferece uma visão pessoal dos fatos, que Gomes, após recorrer a diversas fontes e entrevistar vários dos profissionais que participaram da CETPA, pôde confrontar.

É compreensível que o autor tivesse a intenção de traçar paralelos e encontrar pontos comuns entre os dois acontecimentos, afinal, aparentemente, haveria diálogos entre ambos. No entanto, é possível concluir que, fora o fato de serem focadas na produção editorial de quadrinhos, pouca coisa havia de semelhante. A CETPA se configurou mais como um projeto do que como movimento, o que a princípio se propunha ser, pois envolveu um número bem menor de profissionais, cerca de dez ao todo, e que não compartilhavam de um objetivo único. O interesse da CETPA e de outras tentativas do gênero que a antecederam, era estabelecer uma reserva de mercado para os autores nacionais por meio de lei específica e isso fica nítido ao atrelar sua organização à figura do governador Leonel Brizola. O nacionalismo das séries e títulos publicados não tinha um direcionamento ideológico à esquerda, mas visava combater o material norte-americano. O sistema cooperativo de produção também não chegou a ser praticado, pois os autores não participavam

das decisões editoriais, limitando-se a seguir os mesmos esquemas de criação e produção convencionais.

Já o caso chileno, desde o início, integrava um projeto político de alinhamento ao governo socialista de Salvador Allende, tanto que a editora *Zig-Zag* foi adquirida e rebatizada de Quimantú, nome de forte conotação nacionalista e comunitária.

Os depoimentos colhidos ou selecionados por Gomes deixam entrever muito mais as razões do fracasso de ambas as iniciativas, geradas, principalmente, pela divergência entre seus componentes quanto aos rumos editoriais.

Tanto a CETPA quanto a Quimantú, tentaram, cada uma à sua maneira, propor novas publicações e personagens em substituição ao predomínio da produção norte-americana, simbolizada pelos super-heróis. Estes são referidos como homens do amanhã, em alusão a um dos qualificativos como o Super-homem é conhecido. No entanto, esse processo de nacionalização acabou não se concretizando de forma ostensiva e não foi apenas por fatores políticos, tanto que mesmo após a redemocratização, os mercados de quadrinhos brasileiro e chileno continuam sendo fortemente dominados pelas publicações estrangeiras.

A não ser pelo caso excepcional da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, os novos homens do amanhã, nascidos não em Krypton, mas em terras sul-americanas, ainda estão por surgir e suas vagas continuam esperando por heróis que as preencham.

Referências

- BARRETO, José Geraldo. *Apressado para nada*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. *Para ler o Pato Donald*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MONTEALEGRE, Jorge (ed.). *Apariciones y desapariciones de Luiz Jiménez*. Santiago de Chile: Ediciones Asterion, 2011.
- RAMOS, Paulo. *Bienvenido: um passeio pelos quadrinhos argentinos*. Campinas: Zarabatana, 2010.
- SILVA JR., Gonçalo. *A guerra dos gibis*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.